

# Revista **a** EVOLUÇÃO



**Percebi a força do teatro  
com as crianças...**

**Alexandre Gatti**



Filada à:  
**ABEC**  
BRASIL  
Associação Brasileira de Editores de Jornais



INTERNATIONAL  
SERIAL  
NUMBER  
DOI: 10.24345/ISSN



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Vilma Maria da Silva

Organização: Manuel Francisco Neto / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.54>

**Editor Responsável:** Antônio Raimundo Pereira Medrado  
**Editor correspondente (ANGOLA):** Manuel Francisco Neto

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac Chateauneuf  
José Wilton dos Santos  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Dr. Isac Chateauneuf  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Colunistas:**

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins  
Prof. Dr. Isac Chateauneuf

**Edição, Web-edição e projetos:**

Antonio Raimundo Pereira Medrado  
Lee Anthony Medrado  
Vilma Maria da Silva

**Contatos**

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

**Imagens, fotos, vetores etc:**

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 54 (ago. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 182 p. : il. color

**Bibliografia**

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral aguardar

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.54

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Colaboradores voluntários em:



São Paulo | 2024

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**  
CNPJ: 28.657.494/0001-09

## 05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

## 7 DESTAQUE

# ALEXANDRE GATTI

## 10 POIESIS

J. Witon

## ARTIGOS



# SUMÁRIO

1. A MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NO ENSINO SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS ANDRÉ ALVES DE ALBUQUERQUE	11
2. A RELIGIÃO NA ESCOLA PÚBLICA: UM DESAFIO PARA A DEMOCRACIA ANTONIO RAIMUNDO PEREIRA MEDRADO	19
3. EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA COMO ALIADAS PARA AS QUESTÕES DE GÊNERO FERNANDA JAQUELINA IRINEU HOLANDA	25
4. AS ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FUNDAMENTOS E BENEFÍCIOS FRANCINEUMA DE LIMA	31
5. INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES GRAZIELA DE CARVALHO MONTEIRO	37
6. O DIREITO DE ACESSO A UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA HERBERT MADEIRA MENDES	43
7. TRABALHANDO AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL JANAINA PEREIRA DE SOUZA	55
8. PSICOMOTRICIDADE VOLTADA PARA O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL JÉSSICA MIDORI NINOMIYA RIBEIRO	61
9. O IMPACTO DAS ATIVIDADES LÚDICAS NO TRABALHO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOSENEIDE DOS SANTOS GOMES	67
10. GESTÃO ESCOLAR E A COMPLEXIDADE ADMINISTRATIVA DA ADMINISTRAÇÃO MARIA APARECIDA DA SILVA	73
11. POLÍTICAS PÚBLICAS DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR E SUA INFLUÊNCIA NA CULTURA ALIMENTAR E NA CONCEPÇÃO DE ALIMENTAÇÃO DOS EDUCADORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO: ANÁLISE HISTÓRICA MARIA DE FÁTIMA DE BRUM CAVALHEIRO	79
12. ARTICULAÇÃO ENTRE OS ESPAÇOS EDUCATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL MARIA DE FÁTIMA COSTA ROCHA	89
13. PROPOSTA DE ACTIVIDADES DIDÁCTICAS PARA A PROMOÇÃO DAS "ARTES PLÁSTICAS" NOS ALUNOS DO ENSINO PRIMÁRIO DA ESCOLA PRIMÁRIA Nº 20 "AUGUSTO NGANGULA" EM NDALATANDO MÁRIO ANTÓNIO TULUMBA	95
14. A FUNÇÃO DA AVALIAÇÃO FORMATIVA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NELSON MARCOS CORREIA PEDRO	109
15. O PAPEL DA GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO POTÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES NO CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO – CEU DE ARICANDUVA DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO ROSELI MARCELLI SANTOS DE CARVALHO	115
16. ENSINO HÍBRIDO: MODELOS, DESAFIOS E BENEFÍCIOS ROSINALVA DE SOUZA LEMES	131
17. BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM TRAÇO CULTURAL SILVIA HARUE YOGUI	137
18. CONFLITOS ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA SOBRE A SEXUALIDADE SIMONE DE CÁSSIA CASEMIRO BREMECKER	143
19. MATERIALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCATIVAS SOBRE AS COMPETÊNCIAS DE APRENDIZAGEM NOS ALUNOS DA 6ª CLASSE NA PROVÍNCIA DO UÍGE TAVARES DOS SANTOS MUHONGO	151
20. AS DIFICULDADES DE CRIANÇAS HIPERATIVAS E AS INTERVENÇÕES DOCENTES VIVIANE DE CÁSSIA ARAUJO	159
21. IMPLICAÇÕES DA RELAÇÃO SAUDÁVEL ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM WILDER DALA QUINJANGO	165
22. O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE E A PSICANÁLISE WIVIAN LINARES DE SOUZA	171



**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.  
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

**UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:**

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

**INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:**

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

**PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:**

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

**PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:**

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

**Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!**

Filiada à: \_\_\_\_\_



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & workflow by OJS / PKP

# EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA COMO ALIADAS PARA AS QUESTÕES DE GÊNERO

FERNANDA JAQUELINA IRINEU HOLANDA<sup>1</sup>

## RESUMO

Esse artigo tem como objetivo abordar reflexões pertinentes sobre os gêneros e o apoio dispensado nas escolas e repartições públicas a essas pessoas, que ainda sofrem com a marginalização e perseguição e em muitas vezes até ao homicídio. Como método foi utilizada pesquisa bibliográfica, baseada em autores que decorrem sobre o tema transexualidade, bem como revistas e matérias a respeito desse tema tão necessário discursos que amenizem tanta violência contra os transexuais. A educação e a saúde pública são pilares fundamentais para promover a igualdade de gênero e combater desigualdades e estigmas enraizados na sociedade. Quando essas duas áreas trabalham em conjunto, é possível criar um ambiente mais inclusivo e saudável para todos, independentemente de seu gênero. Como conclusão percebe-se que ao unir esforços entre a educação e a saúde pública, é possível criar uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tenham acesso a informações e cuidados de qualidade, livres de discriminação e preconceito. É por meio dessa colaboração que podemos construir um futuro mais inclusivo e saudável para todos, independente de sua identidade de gênero.

**Palavras-chaves:** Homicídio. Marginalização. Suicídios.

## INTRODUÇÃO

O gênero é considerado uma categoria, um marcador social em que se constroem atitudes, expectativas e comportamentos pelos quais a sociedade define os valores de referência e o padrão de normalidade, válidos em um determinado momento. Os comportamentos esperados para as pessoas, os chamados papéis de gênero, não são inerentes ao gênero de nascimento; são moldados por demandas sociais, econômicas, religiosas e culturais.

Já a identidade de gênero surge da percepção intrínseca de uma pessoa ser homem, mulher, alguma alternativa de gênero ou a combinação deles, enquanto a expressão de gênero é constituída pela manifestação da identidade de gênero a partir da aparência física,

roupas, gestos, maneira de falar com os padrões de comportamento na interação com outras pessoas.

O termo "transgênero" tem sido usado para se referir a todas as pessoas com variância de gênero e "cisgênero" para se referir àquelas que correspondem entre a designação sexual no nascimento e a identidade de gênero realizada. Transgênero chama um grupo diversificado de pessoas cujas identidades de gênero diferem, em vários graus, do sexo com o qual foram designadas no nascimento. Tais definições são carregadas de ideologias, seus limites são imprecisos e estão em constante mudança.

Ainda não é possível quantificar de forma precisa a incidência da transexualidade ou

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

variação de gênero no mundo, dada a variação das concepções culturais de gênero de acordo com o local e contexto histórico e social.

Os conceitos de homem e mulher ainda têm um efeito restritivo, apesar da necessidade de compreender a variância de gênero como um fenômeno humano e natural, livre da estigmatização e do caráter patológico que historicamente lhe foram atribuídos. Além disso, o Brasil lidera o ranking dos países que, proporcionalmente, matam mais pessoas trans no mundo.

O objetivo geral desse artigo é de abordar reflexões sobre a importância do apoio e do acolhimento na educação e na saúde pública para os transexuais. Como objetivos específicos pretende-se mostrar um pouco a respeito da transexualidade no Mundo; abordar aspectos relevantes sobre o tema em questão, baseando em pesquisas bibliográficas; investigar como a qualidade dos relacionamentos com pais, amigos e parceiros afeta o bem-estar mental de jovens trans.

Esse artigo é relevante para profissionais da saúde, da educação, entre outros que buscam de certa forma conhecimentos que agreguem ainda mais no seu lado profissional, sobre a transexualidade e a importância do acolhimento na saúde pública.

A metodologia utilizada foi por meio de pesquisa bibliográfica, pautada em autores que denotam sobre o tema transexualidade.

## **TRANSGÊNERO E TRANSEXUAL**

Os termos transgênero e transexual podem se referir a uma pessoa que tem uma identidade de gênero diferente do sexo que o médico atribuiu a ela no nascimento. No entanto, muitas pessoas consideram o termo transexual desatualizado e ofensivo.

Transgênero é um termo genérico que as pessoas frequentemente abreviam para trans.

Em meio a essas ideias chegou-se à conclusão que Castel (2001, p. 87) apresenta:

O fato de eles serem adaptados, conscientes do "papel" que

desempenham, e de empurrarem mesmo a cumplicidade com o sociólogo até a descrição de suas condutas em termos de "papel" e de construção identitária, confirma a intuição do início: como os hermafroditas educados num sexo social que não é seu sexo cromossômico, eles podem aliviar seu mal-estar com a ajuda do cirurgião e do endocrinólogo e interagir de modo fluido com as demais pessoas.

As pessoas podem perceber que são transgêneros em qualquer idade. Algumas pessoas podem rastrear sua consciência até suas memórias anteriores - elas simplesmente sabiam. Outros podem precisar de mais tempo para perceber que são transgêneros. Algumas pessoas podem passar anos sentindo que não se encaixam sem realmente entender por que, ou podem tentar evitar pensar ou falar sobre seu gênero por medo, vergonha ou confusão. Tentar reprimir ou mudar a identidade de gênero de alguém não funciona; na verdade, pode ser muito doloroso e prejudicial à saúde emocional e mental de uma pessoa. À medida que as pessoas trans tornam-se mais visíveis na mídia e na vida comunitária em todo o país, mais pessoas trans são capazes de nomear e compreender suas próprias experiências e podem se sentir mais seguras e confortáveis em compartilhá-las com outras pessoas.

Para muitas pessoas trans, reconhecer quem são e decidir iniciar a transição de gênero pode exigir muita reflexão. Os transgêneros correm o risco de estigma social, discriminação e assédio quando contam a outras pessoas quem realmente são. Pais, amigos, colegas de trabalho, colegas de classe e vizinhos podem aceitar - mas também podem não ser, e muitas pessoas trans temem não ser aceitas por seus entes queridos e outras pessoas em sua vida. Apesar desses riscos, ser aberto sobre a identidade de gênero de alguém e viver uma vida que pareça verdadeiramente autêntica pode ser uma decisão que afirma e até salva vidas.

No entanto, transgênero nem sempre se refere à transição binária entre masculino e feminino.



Algumas pessoas podem se referir a si mesmas como transgêneros, pois se identificam com um gênero que não é masculino nem feminino, uma mistura dos dois ou alguém cuja identidade muda de masculino para feminino em pontos diferentes. Já outras pessoas ainda podem usar transexual para se referir a uma pessoa com uma identidade de gênero diferente do sexo que o médico indicou para elas no nascimento. No entanto, a definição mais recente de transgênero não implica que uma pessoa tenha se submetido a procedimentos médicos de afirmação de gênero.

No entanto, a maioria dos profissionais médicos usará o termo que o indivíduo preferir.

Algumas pessoas que não se identificam como transexuais não usariam esse termo, preferindo o termo transgênero, que é mais inclusivo e afirmativo.

É importante perguntar a cada pessoa qual termo ela prefere.

## A TRANSEXUALIDADE E OS PRECONCEITOS

A transfobia é o preconceito que os indivíduos têm contra as pessoas trans. Estudos anteriores mostraram que a interação pessoal (com amigos, colegas ou conhecidos transgêneros) e o contato para-social (com celebridades transgêneros, figuras da mídia ou influências da mídia social) podem aumentar o apoio aos direitos dos transgêneros. Supõe-se que isso ocorre porque conhecer pessoalmente alguém que é trans e / ou estar exposto a representações de pessoas trans na mídia reduz a transfobia.

Amara Moira Rodvalho, em seu artigo 'Cis pelo trans', analisa a escolha de tais expressões para o aprofundamento da identidade de gênero e suas comparações valem a transcrição:

Cis, trans: antes de tudo metáforas. Cisjordânia, região que margeia o Rio Jordão. Cisplatina, antigo nome do Uruguai, região que ocupa um dos lados do Rio da Prata. Transamazônica, o que cruza a Amazônia; transatlântico, o que atravessa o Atlântico. Cisalpino, transalpino. A isomeria geométrica da

Química Orgânica, onde "cis" são os átomos que, ao dividirmos a molécula ao meio, permanecem de um mesmo lado do plano e "trans" os que permanecem em lados opostos. O próprio dicionário Houaiss, trazendo a etimologia de cis como "da preposição latina de acusativo cis 'aquém, da parte de cá de' (por oposição a trans)". E inúmeros outros exemplos (2017, p. 13)

O preconceito social contra pessoas trans é generalizado. As taxas de assédio, discriminação e violência contra pessoas trans são altas, e a maioria das cidades e estados oferecem proteção limitada a pessoas trans que sofrem preconceito ou violência.

"[...]o preconceito seria apenas a crença prévia (preconcebida) nas qualidades morais, intelectuais, físicas, psíquicas ou estéticas de alguém, baseada na ideia de raça. Como se vê o preconceito pode manifestar-se, seja de modo verbal, reservado ou público, seja de modo comportamental, sendo que só nesse último caso é tido como discriminação" (GUIMARÃES, 2004, p.18).

Mesmo em locais com proteções, a existência de leis punitivas apenas desestimula a discriminação, não a impede. Por exemplo, pessoas transgênero podem desconfiar da transição no trabalho por medo de demissão, mesmo em estados que têm leis trabalhistas de não discriminação, porque os casos de discriminação são legalmente difíceis de provar e caros de prosseguir.

Os transexuais costumam ficar nervosos por estarem sozinhos em público, preocupados em serem insultados, espancados ou até mortos por simplesmente andarem na rua. Os transexuais podem evitar vestiários porque temem a violência nesses espaços de grande gênero e fisicamente vulneráveis. Indivíduos com fluidos de gênero podem não saber quando serão confrontados com "O que você é?" proclamado por um balconista de loja de conveniência.

A hostilidade habitualmente característica do preconceito também faz parte da personalidade do indivíduo afetado e suas origens e funções na economia psíquica do indivíduo preconceituoso não podem ser ignoradas. Muitas pesquisas recentes procuraram desvelar as fontes

psicológicas do preconceito, e parece haver indícios de que as pessoas que se conformam rigidamente aos valores preponderantes submetem-se à autoridade, criticam os que desprezam as normas convencionais e se preocupam com problemas de poder e de status tendem a ter preconceitos. (CHINOY, 1969, p. 334).

Preconceito, assédio e violência surgem em todos os aspectos da vida: no trabalho, em ambientes de saúde, nas interações com as autoridades policiais, em casa, na escola, nas ruas. Quando os indivíduos são transgêneros e membros de outras minorias, eles correm um risco ainda maior.

Lentamente, os indivíduos transgêneros estão ganhando mais direitos legais, bem como maior compreensão e aceitação social. Infelizmente, o preconceito contra indivíduos transgêneros e seus entes queridos ainda é extremamente poderoso e quase sempre está fora do controle de uma pessoa transgênero.

Embora a maioria das pessoas trans possa enfrentar o estigma na sociedade, ainda não sabemos se certos membros dessa população enfrentam mais discriminação transfóbica do que outros. A transfobia assume a forma geral de preconceito e hostilidade em relação à existência da transexualidade, mas também pode ser intensificada em alguns contextos sociais se uma pessoa for mais pronta e frequentemente lida como não-conforme de gênero. É importante notar, entretanto, que as penalidades sociais para a não conformidade de gênero não derivam das falhas individuais das pessoas trans; antes, é um problema social que se enraíza em estruturas que não permitem a inconformidade de gênero por parte dos atores sociais.

A discriminação transfóbica tem consequências para muitos aspectos da vida das pessoas trans, incluindo sua saúde e bem-estar.

## **A SAÚDE PSICOLÓGICA DOS TRANSSEXUAIS**

As atitudes sociais para com pessoas trans e outras minorias de gênero variam em todo o mundo e, em muitas culturas, preconceitos e estigma social são comuns.

Consequentemente, as pessoas trans enfrentam desafios relacionados à discriminação e às atitudes negativas do público.

A proximidade física e emocional extrema, excessiva e prolongada entre o bebê e a mãe e uma ausência relativa do pai durante os primeiros anos pode contribuir para o desenvolvimento desse distúrbio no homem. As fêmeas que mais tarde desenvolveram esse transtorno têm mães que, aparentemente, não estavam disponíveis para elas em uma idade muito precoce, psicologicamente ou fisicamente, devido a doença ou abandono; A menina parece fazer uma identificação compensatória com o pai, o que leva à adoção de uma identidade de gênero masculina (BRASIL, 1997, p. 265)

Um estado psicológico é considerado um transtorno mental apenas se causar sofrimento ou deficiência significativa. Muitas pessoas trans não consideram seu gênero como algo angustiante ou incapacitante, o que implica que a identificação como transgênero não constitui um transtorno mental.

Sentimento de adequação que as pessoas podem e devem ter, um sentimento de que este gênero é adequado para mim, adequado em mim. E que há um conforto que eu teria, poderia ter, e que poderia ser alcançado se eu me adequasse à norma. (BUTLER, 2013, p. 116).

Para os transsexuais, o problema significativo é encontrar recursos acessíveis, como aconselhamento, terapia hormonal, procedimentos médicos e o apoio social necessário para expressar livremente sua identidade de gênero e minimizar a discriminação. Muitos outros obstáculos podem levar à angústia, incluindo a falta de aceitação na sociedade, experiências diretas ou indiretas de discriminação ou agressão. Essas experiências podem levar muitas pessoas transsexuais a sofrer de ansiedade, depressão ou transtornos relacionados em taxas mais altas do que pessoas não-transgênero.

## **O APOIO AOS TRANSSEXUAIS**

Pessoas trans são indivíduos cuja identidade de gênero é diferente daquela que lhes foi atribuída no nascimento. (Pessoas



cisgênero são aquelas cuja identidade de gênero é atribuída quando nascem.) Todas as pessoas trans, incluindo indivíduos binários e não binários, podem experimentar um estresse significativo ao se moverem por um mundo que trata ser cisgênero como a norma e não entende o que isso significa ser trans. Ter outras pessoas com quem conversar pode fazer uma grande diferença em sua capacidade de lidar com a situação.

Alguns setores do movimento [colocam] suas identidades GLBTs como se fosse algo fixo, essencial. Dentro das discussões relacionadas ao tema no movimento GLBT brasileiro, a maior parte dos grupos reivindicatórios é bastante receptiva a ideias pós-identitárias, ou seja, os sujeitos não 'são' apenas uma identidade, e sim, uma infinidade de possibilidades identitárias. De modo bastante resumido, pode-se dizer que a crítica que se faz é a seguinte: se as identidades são múltiplas, não se 'é' apenas uma característica, como reivindicar políticas específicas para grupos determinados se a identidade fixa (no nosso exemplo GLBT) não existe? (TAQUES, 2007, p. 146)

É essencial saber que muitos grupos de apoio a transgêneros online são fechados ou restritos. Você pode ser solicitado a confirmar sua identidade antes de ingressar em um deles. Além disso, alguns grupos são apenas por convite e podem exigir rede para acessibilidade.

É importante que os cisgêneros e os transgêneros trabalhem juntos para apoiar as pessoas e as questões trans e para acabar com o assédio transfóbico e a discriminação.

As pessoas trans estão mais visíveis na mídia e em nossa sociedade do que nunca. Comunidades transgênero estão lutando por direitos iguais. Embora um grande progresso tenha sido feito, ainda há muito trabalho a ser feito para garantir que todos se sintam seguros para expressar sua verdadeira identidade de gênero e tenham os mesmos direitos dos cisgêneros.

Barreiras (2009, p.7), que entrevistou 663 travestis e transexuais, detalham-se os números da violência e discriminação:

O preconceito social se revela de diferentes formas em diferentes

lugares. 71,64% (475) das entrevistadas afirmam terem sofrido violência verbal; 52,04% (345) dizem que já sofreram algum tipo de violência física; 45,85% (304) asseguram que foram agredidas por policial; 35,75% (237) sentiram-se discriminadas no trabalho. Além disso, 33,93% (225) foram excluídas das atividades familiares; 25,94% (172) foram expulsas de um lugar público; 20,51% (136) foram forçadas a deixar o local onde moravam e 19,31% (128) foram demitidas do trabalho.

Muitas pessoas trans são afetadas negativamente pela transfobia. A transfobia pode resultar em violência e até assassinato. Também pode resultar em depressão, abuso de substâncias, automutilação e suicídio.

É importante que todos - cisgêneros e transgêneros - trabalhem juntos para criar comunidades que acolham pessoas trans e não-conformes de gênero. Todos merecem viver em um mundo livre de violência e discriminação, incluindo aqueles cuja identidade e expressão de gênero não correspondem ao sexo atribuído. Todos podem contribuir para apoiar as pessoas trans e tornar as comunidades mais seguras e inclusivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nascemos, o médico geralmente diz que somos homens ou mulheres com base na aparência de nossos corpos. A maioria das pessoas que foram rotuladas de homens ao nascer acabaram se identificando como homens, e a maioria das pessoas que foram rotuladas de mulheres ao nascer se tornaram mulheres. Mas a identidade de gênero de algumas pessoas - seu conhecimento inato de quem são - é diferente do que era inicialmente esperado quando nasceram. A maioria dessas pessoas se descreve como transgênero.

Uma mulher transexual vive como mulher hoje, mas era considerada homem quando nasceu. Um homem transexual vive como homem hoje, mas era considerado mulher quando nasceu. Algumas pessoas trans não se identificam como homem nem mulher, ou como uma combinação de homem e mulher. Há uma variedade de termos que as pessoas que não são totalmente masculinas ou femininas usam para

descrever sua identidade de gênero, como não binário ou gênero.

Tanto a literatura clínica quanto os relatos biográficos sugerem que muitos indivíduos trans sentem vergonha ou já experimentaram vergonha em algum momento de sua vida por motivos relacionados à sua identidade de gênero.

Relatos biográficos de indivíduos transgêneros estão repletos de referências a experiências de vergonha e vergonha (variando de sentir vergonha de revelar sua identidade de gênero vivida, sentir vergonha do sexo natal de alguém, até experiências vergonhosas de ser abusado verbal ou fisicamente, intimidado na escola ou discriminado em local de trabalho). Não apenas relatos biográficos, mas também pesquisas publicadas evidenciam uma correlação entre ser transgênero e sentir vergonha. Por isso é importante ressaltar que os transexuais necessitam de apoio da saúde para que sua base psicológica não fique tão abalada, como observava-se com os altos índices de suicídios de transexuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Resolução nº 1.482, de 10 de setembro de 1997. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 20.944, 19 set. 1997. Disponível em: <[http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482\\_1997.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm)>. Acesso em: 01 ago.2024.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, 236 p.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, nº 41, p. 77-111, 2001.

CHINOY, Ely. Sociedade – uma Introdução a Sociologia. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito e discriminação. São Paulo: Editora 34, 2004.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. Rev. Estud. Fem. vol.25 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p365>> Acesso em 01 ago.2024.

TAQUES, F. J. Movimento GLBT: considerações necessárias. Ciências Sociais Unisinos, São Paulo/SP, v. 43, p. 146, dez. 2007.



Revista **a EVOLUÇÃO** 54 Maio 2018 ISSN 2675-2573

**Percebi a força do teatro com as crianças...**

**Alexandre Gatti**

www.primeiraevolucao.com.br

ABEC INI Crossref

**doi** <https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.54>

**ORGANIZAÇÃO:**  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**

André Alves de Albuquerque  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Fernanda Jaquelina Irineu Holanda  
Francisca Francineuma de Lima  
Graziela de Carvalho Monteiro  
Herbert Madeira Mendes  
Janaina Pereira de Souza  
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro  
Joseneide dos Santos Gomes  
Maria Aparecida da Silva  
Maria de Fátima Costa Rocha  
Maria de Fátima de Brum Cavalheiro  
Mário António Tulumba  
Nelson Marcos Correia Pedro  
Roseli Marcelli Santos De Carvalho  
Rosinalva de Souza Lemes  
Sílvia Harue Yogui  
Simone de Cássia Casemiro Bremecker  
Tavares dos Santos Muhongo  
Viviane de Cássia Araujo  
Wilder Dala Quinjango  
Wivian Linares de Souza



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & workflow by OJS / PKP

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

